Taxa Paga
Portugal
Contrato 536425

Correio Editorial
Autorizado a circular em invólucro fechado de plástico ou papel. Pode abrir-se para verificação postal.
DE00442018AN

O Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

1 de Agosto de 2020 • Ano LXXVII • N.º 1993
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

SETÚBAL — Padre Acílio

Pedido de uma mãe

NÃO tem havido muitas respostas positivas a esta necessidade da Obra.

Uma mãe para a Casa do Gaiato não é nada de extraordinário, se a Casa do Gaiato é uma família, e uma família numerosa, como é que poderá ser, sem uma mãe? Uma mulher que renuncie a si mesma, tome a sua cruz e siga Jesus nos mais pequeninos e mais abandonados. Não há nada de especial, apenas isto: todos sabemos o que faz uma mãe numa casa. Nela recai a ordem, a limpeza, a roupa, a alimentação, os doentes e todos os filhos mais velhos e mais novos.

É uma abundância maternal que Deus põe no seu coração. Como aprender? Fazendo, sendo e amando.

Em 1952 o Pai Américo dirigiu-se às senhoras da Obra nestes termos: *Algumas de vós estão há vários anos a trabalhar connosco! Obra ao serviço de homens; pessoas a trabalhar com pessoas de todas as espécies, cada uma de vós poderia ter outra obra onde estivesse mais sólida. É uma obra com muitos defeitos, muitas coisas tortas. Parece-nos por vezes cada vez pior.*

Estamos numa Obra cheia de tentações e perigos. Os mais próximos a quem servimos, os rapazes, são capazes de nos malsinar e às nossas ideias, os nossos gestos. Não estamos debaixo da imunidade.

Parece tudo um disparate. Realmente não há colunas, não há bases. E nós estamos algumas há mais, outras há menos tempo, mas com o propósito de continuar talvez para sempre.

Então o que nos prende? Sim vós sois escravas.

Onde moras senhor – disseram certa vez dois homens ao Senhor. Aqueles dois sentiram-se excitados.

Que veriam eles em Jesus? Seria o porte? Seria a pessoa? Seria alguma conversa que tivesse com eles ou com outrem?

— Vinde e vede.

Vós sois felizes.

Apesar da força negativa da nossa obra, sois felizes. ❑

PENSAMENTO

Pai Américo

A Obra da Rua é já, por si, uma afirmação da Divindade de Jesus: Ela é o Mandamento Novo em marcha. O amor ao Próximo sem cerimónias, como Cristo quer que seja.

***Notas da Quinzena,* pp 38-39.**

MALANJE — Padre Rafael

«ESTAMOS no primeiro sábado do mês e a reunião dos chefes da Casa é dedicada ao balanço económico do mês. Lauro, que é o tesoureiro, preparou um resumo das entradas e dos gastos que se realizaram ao longo do mês passado. Informa, em primeiro lugar, que não podemos gastar uma quantidade superior ao que a Obra envia mensalmente: 6.500€, o que corresponde mais ou menos a 4.000.000 kwz. A seguir explica que as áreas produtivas: Serração, Carpintaria, Agropecuária… apenas conseguiram facturar 1.500.000 kwz. Até aqui, o saldo é negativo em 1.000.000 kwz. Seguem-se outros gastos como: electricidade, combustíveis, etc., outros 500.000. Até aqui perdemos 2.000.000 kwz.

Depois, continuamos com os gastos da Casa como: alimentação, 700.000; saúde, 200.000; manutenção, 50.000; ajudas, 50.000…, etc.; outro total de 2.000.000. Finalmente nos recorda que este mês tivemos uma avaria no autocarro, na retro-escavadora e numa máquina da carpintaria que no total somaram 600.000 kwz. No total foram 2.600.000 kwz, que somados aos anteriores são 4.600.000 kwz. Conclui dizendo que, graças a Deus, este mês recebemos um donativo da Comunidade Católica Chinesa em Angola de 500.000 kwz e conseguimos terminar com um saldo positivo de 100.000 kwz… uns 170 euros».

Muitas pessoas, quando lhes explicamos as contas, nos dizem que temos de rentabilizar o dinheiro. Outros, que temos de despedir trabalhadores. Outros, que vender; outros, que comprar… só nos falta que nos aconselhem a roubar. Entre os pobres que nasceram ricos e os ricos que nasceram pobres está a maior parte da Humanidade. O que é realmente preocupante, são os que nascem e morrem ricos ou nascem e morrem pobres sem mudar nada. A nossa Obra é uma oportunidade para que os ricos sejam um pouco menos ricos e os pobres um pouco menos pobres… de maneira tão simples como partilhar.

Depois de meses de sacrifício, chegam-nos fotos da Carianga onde podemos ver couves, repolhos, tomates… A Mãe Natureza sempre foi generosa com aqueles que lhe dedicam tempo. Durante vários meses, os nossos rapazes puderam sentir com as suas próprias mãos que o melhor alimento é o fruto da terra e o trabalho, como dizemos no ofertório cada vez que celebramos a Eucaristia.

Desde Setúbal, continuamos à espera da oportunidade de regressar a Malanje. ❑

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Pó

NOS séculos mais recentes, a sociedade humana foi-se estratificando, ao mesmo tempo que a maioria das populações procuravam encaixar-se naqueles estratos que davam mais conforto e, por conseguinte, melhor qualidade de vida. As cidades, e em seu redor depois, foram os polos de atracção onde as gentes se congregaram.

Como resultado, as pessoas foram-se afastando do contacto com a terra e dos trabalhos que a partir dela podem gerar riqueza. Outros meios de vida tornaram-se mais atractivos, longe da vida rural.

Com todos os prós e contras, vantagens e desvantagens, benefícios e prejuízos, a vida seguiu o seu curso. Mas a voz da terra nunca deixou de se ouvir e, apesar da sua dureza causadora de rejeição, a terra mantém o seu carácter maternal, nunca se rompendo em definitivo a ligação umbilical entre o homem e a terra. É uma segunda voz do sangue, que ultrapassa todas as conjecturas teóricas e avanços científicos.

Nestes dias recentes que passaram, andamos na apanha da batata. É um cerimonial da Casa do Gaiato que vem desde a sua origem. Tal como a vindima, nem sempre possível com a presença de todos devido aos calendários escolares, é uma tarefa que nos aproxima à mãe terra, ao seu ventre de onde nos vem o alimento. Os nossos Rapazes verificam com os seus olhos e mãos, como nos vem o pão de cada dia, ao contrário de muitas crianças que o vêem sair ensacadinho das mercearias e hipermercados. Eles fazem, ainda que sem perfeita consciência, por agora, a aproximação à mãe terra e à dureza com que ela trata os seus filhos. Mas, logo de seguida, dá-lhes uma grande compensação, abrindo-lhes, em abundância, outro grande bem da terra, a água límpida e fresca retida na nossa piscina.

À medida que o tractor avança pelos sulcos abertos entre as batateiras, a máquina que lhe vai acoplada traz à superfície a causa do nosso estar ali, com custo e com gosto. Em seu redor, uma nuvem de pó se levanta, acompanhando homens e máquinas até que chegue ao fim mais um carreiro de batata. Também me custa estar ali, mas gosto de estar. É preciso que esteja... Este pó eleva-me o pensamento...

Trazemos connosco desde a nossa Mãe, esta obrigação e certeza de que nunca nos desligaremos dela, com ela e em colaboração mútua comeremos o pão, zurzido com o suor do nosso rosto, que lhe dá um sabor inigualável.

Por fim, a ela voltaremos, para uma vida nova, onde o pó será incenso de suave perfume, inebriando a alma não de peso mas de suavidade permanente.

O novo pó será sinal de vida e não mais alusão de morte. ❑

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

CONTAS DA NOSSA CONFERÊNCIA DE 2019 — Com atraso relativamente ao prazo regulamentar para estes assuntos, mas as disponibilidades de tempo não dão para fazer melhor, apurámos, há dias, as contas da nossa Conferência relativas ao ano de 2019. Nesse ano tivemos um total de despesas de 18192,09 euros e um total de receitas de 5023,45 euros, resultando daqui um saldo negativo de 13168,64 euros. Este saldo negativo foi suportado graças a reservas que ficaram de saldos positivos de anos anteriores, reservas essas que, assim, desceram muito, ficando no valor de 5531,87 euros que transita para 2020.

Grande parte dos gastos, mais precisamente 10030 euros, foram com obras de reparação e de melhoria de três casas do Património dos Pobres que pertencem à nossa Paróquia onde moram três senhoras viúvas. Também gastamos 1230 euros noutra casa que também pertence à Paróquia e que tem usos que revertem para o serviço aos Pobres.

A segunda rubrica mais importante em termos de gastos foi a ajuda na compra de medicamentos, num total de 3962,10 euros, seguindo-se o apoio domiciliário (pequenas ajudas em dinheiro a famílias que acompanhamos para pagar despesas de mercearia, água, electricidade e outras) num total de 2291,72 euros.

O resto dos gastos foi com pequenas despesas diversas num total de 418,10 euros, mais 251,17 euros que correspondem à contribuição regulamentar que deveremos pagar para prover aos gastos do nosso Conselho Central.

Como atrás referimos, para pagarmos esta despesa total de 18192,09 euros fomos buscar 13168,64 euros a reservas que tínhamos de anos anteriores. O restante veio principalmente de donativos de leitores do Jornal "O Gaiato" num total de 2850 euros, leitores esses a quem muito agradecemos. Os restantes 2172,95 euros vieram doutros donativos angariados pela nossa Conferência.

Com estas contas, a nossa Conferência chega ao fim de um longo período de tempo em que, muito graças a donativos de leitores do Jornal "O Gaiato", foi tendo possibilidades de pagar as obras de reparação e de melhoria das casas do *Património dos Pobres* da nossa Paróquia. A partir de agora e enquanto a situação não mudar, os recursos que temos em reserva dificilmente permitirão pagar na totalidade reparações e melhorias dessas casas que venham a ser necessárias. Quando este problema se puser, cá estaremos para colaborar na medida das nossas possibilidades e para ajudar a que venham mais contributos doutros lados que permitam fazer face a essas situações.

Por agora, o nosso dever é prestarmos contas do que fizermos até aqui com as ajudas que nos chegaram, renovando o nosso agradecimento a todos os leitores e a outras pessoas generosas que colaboraram connosco no trabalho diário de cuidarmos de pessoas da nossa Paróquia que precisam da ajuda do seu próximo.

Um bem-haja para todos! ❑

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

FÉRIAS — Chegaram as chamadas *férias grandes,* de Verão, em que deixámos de estar grande parte do dia em actividades escolares. Com tanto calor, em especial os Rapazes mais pequenos e vários Rapazes médios aproveitaram para rever matérias em que tiveram mais dificuldades e alguns dos Rapazes mais crescidos terminaram os relatórios dos seus estágios de cursos profissionais, com os professores destacados, nas nossas salas de estudo. Outros Rapazes foram fazendo as suas obrigações, varrendo calçadas e jardins, em que se cortou a relva, e andaram especialmente a regar as latadas de videiras (de mesa), fruteiras e arbustos, devido à grande secura, mas vamos tendo reservas de água nos nossos poços. Ao fim da tarde, a nossa maior alegria tem sido os mergulhos na nossa piscina, em que nos sentimos bem, pois os pequenos aprendem a nadar e todos brincámos como amigos na água limpa, que o José Fagundo vai tratando. Houve vários Rapazes que regressaram à sua família biológica, conforme foi sendo preparado ao longo dos anos, depois de concluírem os seus cursos profissionais e por serem de maioridade.

CAMPANHA DE ASSINANTES — *Devagar se vai ao longe,* diz o nosso povo. Por isso, continuamos a lançar sementes aos nossos amigos, que vamos encontrando e contactando pelas diversas formas, para se inscreverem como novos assinantes do nosso jornal *O Gaiato* e assim poderem ajudar e conhecer melhor a vida do nosso Pai Américo e das várias Casas da Obra da Rua — Obra do Padre Américo: Casa do Gaiato de Paço de Sousa (Penafiel); Casa do Gaiato de Beire (Paredes) e Calvário; Casa do Gaiato de Miranda do Corvo; Casa do Gaiato de Setúbal; Casa do Gaiato de Benguela e Casa do Gaiato de Malanje, em Angola.

Na quinzena passada, foram inscritos estes novos assinantes: António Joaquim — Nevogilde [Lousada]; Maria do Céu — Miranda do Corvo; Filomena Maria — Lousã; Dina Sofia — Lousã. Bem-hajam!

À sede da nossa Obra da Rua, em Paço de Sousa, e aos amigos e amigas que têm partilhado com a Família desta Casa do Gaiato, nas suas dificuldades, agradecemos muito os donativos e palavras de muita amizade e estímulo. Saúde para todos e boas férias!

Os nossos contactos, para donativos e novas assinaturas do jornal, são os seguintes: Obra da Rua — Obra do Padre Américo, Casa do Gaiato, 3220-034 Miranda do Corvo; telf. 239 532 125; *e-mail:* gaiatomiranda@gmail.com — NIB: 0035 0468 00005577330 18. ❑

PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

O DIA 16 DE JULHO — Nesse dia fomos todos para a nossa casa de Azurara, excepto os que tinham escola ou trabalho. A Festa foi organizada pelo Bruno e os nossos «Batatinhas». Foi na varanda, da parte de trás, que comemoramos o aniversário de Pai Américo. Depois os nossos Rapazes foram à praia darem os seus mergulhos. De regresso a casa, cada um foi-se arranjar para irmos participar na Celebração Eucarística. Depois foi o jantar com o partir do bolo pelo Nuno e Amadu, onde não faltaram os foguetes como no tempo de Pai Américo. Foi uma festa de que todos gostaram muito.

ANIVERSÁRIO — No dia 11 de Julho, os Rapazes que estavam a gozar as suas férias na casa da praia de Azurara, decidiram fazer uma surpresa ao nosso Padre Júlio. Como ele ia lá celebrar e fazia o seu aniversário de sacerdote, 27 anos, preparam um bom bolo e cantaram os parabéns. No final deram-lhe de prenda uma pequena garrafa do F. C. do Porto, para comemorar também o seu clube que é campeão nacional.

REGAS — Como estamos na época de muito calor, os nossos Rapazes têm regado as nossas plantas dos jardins e as árvores novas que o Paulo plantou. Também o sr. Jorge tem regado o milho, com o aproveitamento de águas de vários lados. Só assim as plantas conseguem sobreviver e desenvolverem-se.

A NOSSA ALDEIA — Como a nossa Aldeia tem muitas árvores, apesar de se terem feito muitas podas, uma delas teve um ramo que caiu em cima de um cabo eléctrico e provocou grandes prejuízos. Estivemos vários dias com cortes de luz para a nossa tipografia e vacaria. Nunca é demais estar atento a estes acidentes, para os evitar.

MEMORIAL / MUSEU PADRE AMÉRICO — OBRA DA RUA — O sr. Faustino fez uma nova vitrine para se expor algumas peças do nosso Museu. As peças são a roca e fuso que pertenceram à mãe Teresa, de Pai Américo, também a coberta de sua cama, a toalha de baptismo de Pai Américo e a imagem de Santa Eufrásia, com a qual o Amériquito do Bairro fazia as suas devoções da infância. Agora, estão estas peças expostas com maior destaque e beleza, de que os nossos visitantes irão gostar. ❑

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DE ÁFRICA

João Evangelista

— *Vai ficar tudo bem!* — Esta é a frase que corre mundo em tempo de pandemia por via da covid-19. Por muito que nos esforcemos, é bom que nos vamos convencendo que nada será como antes. Espera-se, sim, que a realidade de antes-covid, regresse com naturalidade e que a população rejuvenesça e nos traga mais amor ao próximo, mais paz, mais entreajuda aos mais carenciados, menos hipocrisia, sendo melhores nós próprios.

Os Antigos Gaiatos de África são, na sua maioria, rapazes já com setenta, e alguns com mais idade, em que, se contaminados, mais riscos corremos. Daí que o nosso Encontro anual, marcado para o primeiro fim-de-semana de Setembro — com as confinações emanadas pela Direcção Geral de Saúde — não vai acontecer este ano. Esperamos que tudo passe e se encontre uma vacina que nos ajude a superar esta dor.

Esperamos que no próximo anos nos possamos abraçar e conviver. Até lá, um abraço e saúde para todos. ❑

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Elísio Humberto

COMEMORAÇÃO DO DIA DE PAI AMÉRICO — Desde que me recordo, de há muitos anos, é sempre no dia 16 de Julho ou Domingo imediato, que a Obra da Rua comemora com as Comunidades dos actuais e dos antigos Gaiatos um evento familiar para assinalar a partida de Pai Américo para o Céu. Era realizado sempre com espírito Fraterno e de Comunidade, ininterruptamente ao longo dos anos. Todavia, infelizmente, neste 64° aniversário não se realizou, devido ao confinamento e regras sanitárias, por causa do flagelo covid-19.

Ora, nem por isso, um pequeno grupo de antigos Gaiatos ligados à Associação, fez questão de comparecer em Paço de Sousa no passado Domingo, 19 de Julho, para assinalar esta data que é simbólica para todos nós, com a tradicional romagem às campas de Pai Américo e Padre Carlos, depositando flores e rezando todos, pedindo-Lhes que peçam a Deus para que esta praga do coronavírus termine, e que lá do Céu vigiem todos os Gaiatos, seus Familiares e Amigos, para que estejamos sempre mais unidos, em clima de Paz e de proximidade entre todos, ao longo das gerações. Nas orações, lembramos também as senhoras, os outros nossos Padres e irmãos Gaiatos que já partiram deste Mundo, deixando no nosso pensamento essa saudade eterna. Acompanharam-nos nestas cerimónias também os irmãos Gaiatos José Silva «Peyroteo» e Jorge Couto.

Há hora do repasto, fomos almoçar a um restaurante de Paço de Sousa, que serve sempre muito bem e fazemos questão de assim retribuirmos com a nossa presença, quando é possível. Obrigado João, pela amizade que nos tens a todos desde o tempo da Telescola 73/75!

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DA ASSOCIAÇÃO — Informamos da sua realização na última crónica publicada n' O GAIATO, e na nossa página do Facebook. Pelas 09:00h, já nos encontrávamos na sede da Associação esperando a chegada dos Associados para dar início à nossa Assembleia Geral com a ordem de trabalhos de que demos conta. Agora, deixamos alguns dos pontos mais importantes tratados, pelos sócios presentes, após se esperar, como previsto nos Estatutos, o tempo indicado para o início dos trabalhos.

- Foi lida e aprovada por unanimidade a Acta da Assembleia Geral anterior;
- Foi apreciado, lido e votado o Relatório de Actividades e Contas da Direcção e parecer do Conselho Fiscal, referente ao ano de 2019, e também o Orçamento e Plano de Actividades para o ano de 2020.
- Foram abordados vários assuntos de interesse da Associação.

ELEIÇÃO DOS ÓRGÃO SOCIAIS PARA O BIÉNIO 2020/2022 — Foi apresenta uma lista única. Os elementos eleitos tomaram posse e foi elaborada a respectiva Acta. Damos conta da nova organização da Associação:

Assembleia Geral
Presidente – António Manuel Valente da Silva
Secretário — José Rui de Oliveira
Secretário — Martinho Armando Alves da Silva

Direcção
Presidente – José Miguel Rodrigues
Vice-Presidente – António Jesus Godinho Fonseca
Tesoureiro – Jorge Alvor Cabi Lamba
Secretário – Elísio Humberto Oliveira Rodrigues
Vogal – José Alberto Teixeira Ponte
Vogal – José Luís Moreira Soares
Vogal – João Armando Fernandes

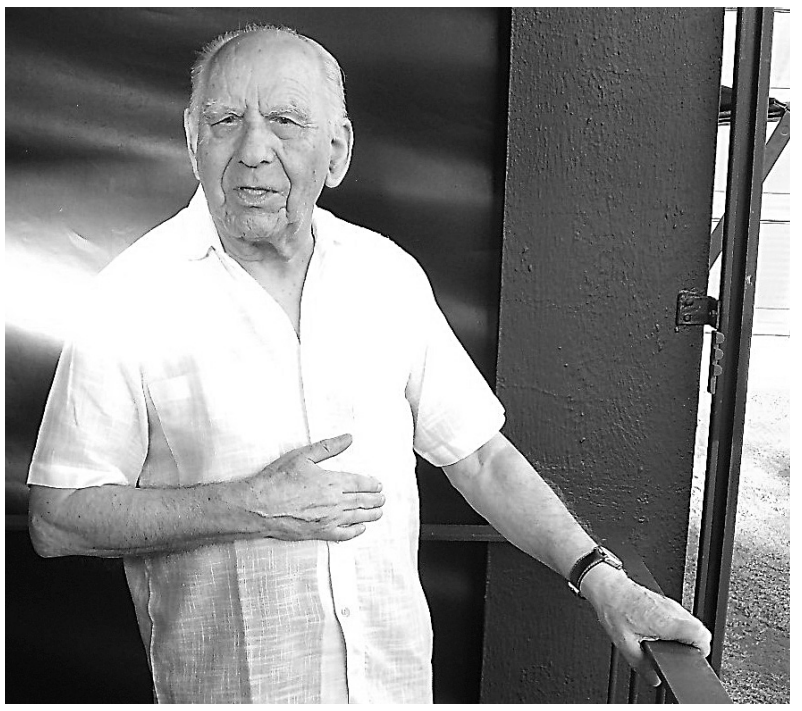
Conselho Fiscal
Presidente – José Gabriel Ferreira
Secretário – José Manuel Rodrigues
Relator – Alzira Ferreira Cunha Sampaio

Deseja-se as maiores felicidades no desempenho ao serviço da Associação para os agora eleitos. Continuamos a fazer o apelo aos Antigos Gaiatos para que se inscrevam como sócios da Associação, que se quer seja uma Família unida, que se ajude mutuamente, conforme nos ensinou nosso Venerável Pai Américo. Aquele abraço. ❑

Gaiato®

SEDE DO EDITOR: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799
jornal.o.gaiato@obradarua.pt • geral@obradarua.pt
facebook.com/Casa.do.Gaiato
www.obradarua.pt • https://www.obradarua.pt/**estatuto-editorial**/
NIB: 0045 1342 40035524303 98
IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL
Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. 500 788 898 • **N.º de Registo** 100398 • **Tiragem:** 14750
Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)
Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

PADRE ABRAÃO



Faleceu no dia 21 de Julho, na Casa Sacerdotal em Braga, o senhor Pe. Abraão, de seu nome completo Abraão da Costa Lopes.

Nasceu em 8 de Setembro de 1925, em S. João do Souto, Braga.

Foi ordenado padre em 14 de Agosto de 1966, na Igreja de S. Bernardo, Aveiro, por D. Manuel de Almeida Trindade.

Nos seus primeiros anos de sacerdócio serviu na Obra da Rua, tendo celebrado Missa Nova no dia 18 de Agosto de 1966 na Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Em 1978 regressou à sua Diocese de origem, Aveiro, onde dedicou os restantes anos do seu ministério sacerdotal.

Em Setembro de 1999 passou a residir na Casa Sacerdotal de Braga até ao final da sua vida.

A Obra da Rua dá graças a Deus pela sua dedicação enquanto foi Padre da Rua, amizade em que permaneceu nos anos seguintes, e pede a Deus que o acolha na Paz.

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

De Santo António

A Diocese de Coimbra vive um *Ano Santo* jubilar, comemorativo dos 800 anos do martírio [Marraquexe, 16-I-1220] dos cinco discípulos [Berardo, Otão, Padro, Acúrsio e Adjuto] enviados por Francisco de Assis ao norte de África para anunciarem o Evangelho. Este acontecimento impressionou vivamente Fernando Martins, jovem cónego regrante, nascido em Lisboa [c. 1191-1192?] e que se mudou do mosteiro de S. Vicente para o célebre mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, sendo entretanto ordenado presbítero [1220?]. A propósito da discussão desta data e daquele testemunho marcante, que o terá feito desejar mais o burel franciscano, temos à mão [com dedicatória à *Irmã Estrela do Menino Jesus seu velho tio António de Vasconcelos*] o interessante estudo *A Vocação missionária de Santo António de Lisboa* [Coimbra, 1933], do qual transcrevemos esta explicação: *Acabavam de se estabelecer, aí por 1218 ou 1219, num sítio ermo, denominado* os Olivais, *próximo de Coimbra, uns pobres fradinhos franciscanos*. […] *Um dia entraram em Coimbra as Relíquias dos cinco frades menores, que em Fevereiro anterior tinham derramado o seu sangue, sofrendo o martírio pela fé de Cristo, em Marrocos. Foram recebidos triunfalmente, com grande pompa e devoção, e depositados na igreja conventual de Santa Cruz. Inflamou-se D. Fernando em religioso entusiasmo à vista dos restos daqueles, que pouco tempo antes tinham passado por Coimbra, tão pobres e humildes, e que agora, segundo a fé lhe dizia, viviam gloriosos com Cristo eternamente./ Eis a faísca eléctrica, que produziu a explosão. Já anteriormente estava assente e resolvida a mudança de hábito; esta ocorrência, agora, determinou-o a dar o passo imediatamente. Depois, com passagem por Marrocos, rumou do eremitério dos Olivais a Itália: Estava pois em Assis no Domingo do Espírito Santo, 30 de Maio de 1221, e lá se conservou os oito dias que durou o Capítulo./ Ali teve a consolação de ver, conhecer e venerar o patriarca e fundador da Ordem, S. Francisco* [† 3-X-1226], *há pouco regressado da sua missão à Palestina*. Em Junho, retirou-se ao eremitério de Montepaolo; e em 1222 começou o seu apostolado da pregação… Morreu em 13 de Junho de 1231, em Arcela, às portas de Pádua. Foi canonizado em 30 de Maio de 1232, na catedral de Espoleto, pelo Papa Gregório IX. O Papa Leão XIII deu a Santo António — de Lisboa, de Coimbra e de Pádua — o título de *Santo de todo o mundo!*

Frei Junípero

O frade menor *Frei Junípero* foi um dos primeiros companheiros de Francisco de Assis, que o recebeu em 1210. Foi um *homem de profunda humildade, de grande fervor de alma e caridade*. Muito estimado pelo *Poverello* de Assis, dele terá dito: *Quisera o Senhor, meus irmãos, que eu tivesse uma floresta inteira de tais juníperos*. Na *Legenda de Santa Clara,* a propósito do seu trânsito final [1194–1253], Tomás de Celano referiu o seguinte: *Consolou-a sobremaneira a presença de Frei Junípero, notável* menestrel *do Senhor que costumava ter, acerca de Deus, palavras cheias de fogo. Clara, com grande jovialidade, perguntou-lhe se sabia alguns ditos novos a respeito do Senhor. Começou ele a falar e da sua boca saíam ditos fervorosos, quais chispas flamejantes e a virgem de Deus encheu-se de consolação com as suas palavras*. Em *Junípero de Asís — Compañero de San Francisco* [1993], Daniel Elcid, O.F.M., numa nota biográfica vem isto: *O nosso irmão Junípero faleceu em 6 de Janeiro de 1258 ; havia entrado na Ordem em 1210; foram quarenta e oito anos de puro franciscanismo primitivo*. Foi sepultado na igreja de Santa Maria de Aracoeli, em Roma

***

No itinerário biográfico de Américo Monteiro de Aguiar, é notória a sua devoção por S. Francisco de Assis, marcada pela sua admissão na Ordem dos Frades Menores, em que chegou a receber o hábito franciscano, em 14 de Agosto de 1924, no Convento franciscano de Vilariño de la Ramallosa, na Galiza. No Seminário Episcopal de Coimbra, a sua admiração por S. Francisco de Assis manifestou-se de tal forma que inspirou muito a sua vida de seminarista e Presbítero, chegando a contagiar os seus companheiros e a assinar os seus artigos sob o pseudónimo *Frei Junípero,* na revista [manuscrita] *Lume Novo* — dos alunos do Seminário Maior de Coimbra — do n. 1 [8 de Dezembro de 1926] ao n. 13 [Junho de 1930]. Em *Lume Novo* — n. 2 [Fev. 1927], comemorativo do sétimo centenário da morte de S. Francisco de Assis, vem o seu artigo franciscano *Mansões de paz*. Desde a publicação em livro desses belos textos [*Padre Américo: Frei Junípero* no Lume Novo, org. Henrique Manuel Pereira, Coimbra, 2015], tivemos conhecimento da reintegração no Arquivo do Seminário de Coimbra de alguns números onde se encontra colaboração de Américo Monteiro de Aguiar, a saber: n. 10 — Junho 1929; e n. 12 — Abril 1930. Ainda não foi localizado o n. 5 — Fevereiro 1928.

Frei Genebro

A possível influência literária em Padre Américo do escritor Eça de Queiroz [1845-1900] — consagrado autor português do realismo-naturalismo — é referida em artigo do Padre Euclides de Oliveira Morais, da diocese de Coimbra, na rubrica *Facetas de uma Vida* [*O Gaiato,* n. 388, 24 Jan. 1959, p.1]: *Outro contemporâneo, o Professor José Augusto de Miranda, diz-me que toda a prosa dele lembra Eça de Queiroz*. Na citada rubrica, mais tarde, foi recolhido um testemunho de Manuel Rodrigues da Silva Veiga, em que é acrescentado o seguinte: *Recordo-me de o meu referido cunhado, um dia, lhe ter perguntado:* — Como é que o Padre Américo adquiriu esse seu estilo tão vivo, tão original, tão directo e tão enérgico?/ *Resposta dele:/* — Lendo só Eça de Queiroz [*O Gaiato,* n. 1094, 15 Fev. 1986, p. 4].

A ligação efectiva entre a família de Eça de Queiroz e Padre Américo foi selada com um marco histórico para a Obra da Rua: em 24 de Junho de 1954, foi assinada, na Comarca de Paredes, a escritura de doação da *Quinta da Torre,* em Beire [Paredes], dos descendentes dos Condes de Resende [por Luís Osório, de Penamacor], em que a Casa do Gaiato de Beire foi destinada para Lar agrícola e o Calvário para abrigo de doentes. Na cronologia da vida de Eça de Queiroz, vem referido que, em fins de Maio de 1892, Eça visitou, com a cunhada Benedita, Beire e Santa Cruz do Douro — *Tormes,* de *A Cidade e as Serras* [1901]. Isto mesmo nos foi testemunhado por Padre Baptista, em especial, a sua presença na granítica varanda da citada Quinta, em Beire.

Ainda testemunhámos a amizade recíproca entre D. Maria da Graça Salema de Castro e a Obra da Rua, como verificámos na correspondência trocada com meu pai, Júlio Mendes, bem como numa deslocação à Quinta de Vila Nova, em Santa Cruz do Douro, para uma celebração Eucarística presidida por Padre Carlos, na capela dessa emblemática quinta queiroziana. Sobre a senhora D. Maria da Graça, que conseguiu instituir a *Fundação Eça de Queiroz* [em 1990], convém dizer que foi casada com o Eng. Manuel Pedro Benedito de Castro [1917-1978], neto de Eça de Queiroz. De facto, depois da morte de Eça, em Paris,

Continua na página 4

BEIRE — *Flashs* da quinzena!…

Um admirador

A paciência tudo alcança!... Levantei-me cedo. Como que para *acordar a madrugada*. Já à luz dos primeiros rosicleres da aurora, estava atarefado a desenvasar umas plantas de estimação — da família das *medicinais* e *culinárias*. Num canteirinho, mesmo ali em frente à cozinha. Porque *é uma mulher toda desembaraçada,* ela também gosta de levantar cedo. Chega e mete conversa. Coisa que faz sempre que a vida lhe oferece uma oportunidade[1]. Precisa de falar e tem sempre conversa. De um modo geral, é assim que procedem todos os nossos doentes e rapazes. Leio: Por mais *doentes* que os classifiquemos, todos eles são "verdadeiramente humanos"[2]. Também neles "a alma é sempre perfeita". Por isso mesmo, como qualquer de nós, têm necessidade de atenção numa média de três horas dia. Sob pena de entrar em cena o seu *desequilíbrio emocional*.

Hoje, porque estou bem dormido, bem brincado e bem amado, sinto-me particularmente feliz. Assim, longe de ver a presença dela como *mais um chato* que me vem estorvar no trabalho que urge, sinto-me "instrumento da Sua paz" junto d'*aquela irmã nossa,* marcada pela doença — física e emocional. Mais: sinto-me reconhecido pela oportunidade que me dá de poder *ser útil e agradável* a alguém — uma aspiração profunda de qualquer pessoa sadia.

Porque é d'*aqueles/as* doentes que, *quando estão para aí virados/as,* gostam mesmo de ajudar nos trabalhos da Casa, explico como funciona o "sistema de rega" destas e de outras plantas que embelezam e enriquecem o ambiente desta *Casa de Família para os sem família*. As interrupções à minha explicação são constantes. Sempre com o clássico *eu-sei-eu-sei,* muitas vezes seguido de longas descrições do que faz e não faz, quando e onde. Tento ***saber ouvir*** e treino-me na arte de *estar-com* eles, mesmo quando põem à prova a minha capacidade de aguentar sem *perder a paciência… — Sabe, eu gosto muito de regar. Todos os dias eu rego*. Enumera plantas *dali e dacolá e dacoli*. *— Quando a doutora está no escritório, eu vou ao quarto de banho dela e rego tudo. Assim, a água fica mais perto…*

Enquanto fala, olha-me fixamente nos olhos. Como que a pedir aprovação do que faz e/ou deixa de fazer. Dentro de mim há aquela lutazinha que todos conhecemos bem em circunstâncias tais — dar-lhes vez e voz (todos precisamos d'***ISSO!***) e o travar o explodir do meu *tanto que fazer* e com *direito/dever* a também ter vez e voz…

Satisfeitas minimamente as nossas *necessidades de atenção,* deixo-a ir e fui também *tratar da vida,* a outros níveis. Porque os dois — ela por um lado e eu por outro — sempre andamos *muito atarefados,* fui cuidar das minhas *paixões de campo,* em com+***UNI***+ão com nossa *Mãe Terra*.

Salta-me o *Orar com Santa Teresa* — a Grande, a de Ávila — de quem sou particularmente devoto. E cujas pegadas (*huellas!...*) percorri a quando do quinto centenário da sua morte, integrado na XX exposição *Las Edades del Hombre* — 2015. "A paciência tudo alcança". Mais: "… no hay amor fino sin la *paciencia*"…

De Santa Teresa passei ao nosso ***Voluntariado.*** O que já está *mai-lo* que é preciso que venha. Gente consciente de que, para ser "voluntário do/no Calvário de Beire", é preciso ser alguém que goste de treinar o **sentir-se em PRO+cesso** de *tornar-se uma pessoa paciente e de muita misericórdia…* Para com os doentes, os rapazes, os assalariados e, mais ainda, para com todos e cada um de nós — pobres *aprendizes de voluntariado* neste tipo de instituições. Que não são meras respostas de acção e/ou segurança social. Não senhor. Somos também isso. Mas não podemos perder aquilo que movia Pai Américo. Sermos uma instituição de ***sabor evangélico,*** empenhada na ***construção do Reino*** — como realização da *Grande Utopia* do(s) Filho(s) do(s) Homem(ns), protagonizada pelo Nazareno, *filho do carpinteiro…* (Mt 13,55). Uma instituição onde os últimos são os primeiros. Sem riscos de "cair na vulgaridade das obras semelhantes"…

---

1 — Penso que todos eles intuem que "viver é colher o seu próprio cacho de oportunidades na vinha da aventura!"... A alma (que "é sempre perfeita") sabe desenvencilhar-se mesmo num corpo imperfeito…

2 — Alusão ao último livro de Jean Vanier, sobre as *pessoas com deficiência – Verdadeiramente Humanos*. ❑

VINDE VER!

Padre Quim

Pai nosso

DEUS é Pai! E estou completamente convicto, que com esta certeza firmada no coração humano não haverá quem se sinta tão rejeitado ao ponto de pensar que caminha sozinho errante pelos montes fora. A exclamação posta, quer sobretudo sublinhar que quem chama Pai a Deus enche a sua vida de confiança e sentido de pertença.

Celebramos no dia 16 de Julho a festa da nossa Obra. A festa do nascimento de Pai Américo no Céu. Deus é Pai e grande é a sua paternidade, tão extensiva e abrangente na vida de todos e cada um dos filhos que encontram na Casa do Gaiato uma verdadeira família para conhecer melhor a Deus e aprender a viver no ambiente social. É no clima familiar onde é possível sentir a paternidade de Deus. A Obra da Rua é uma grande família unida onde Deus permitiu ser conhecido através da paternidade exercida pelo Pai Américo, e que hoje se prolonga na figura paterna dos padres que se doam por amor, em beneficio dos mais pobres, sem esperar recompensa alguma.

A primeira quinzena de Julho foi dedica a leitura do Cantinho dos Rapazes, para tornar viva e presente os ensinamentos de Pai Américo. Todas as noites a hora do terço, estando a família reunida para comunicar-se com o Pai do Céu, lia-se um texto para servir de meditação e tomada de consciência sobre os actos de cada um dos membros da família. Ora chamando atenção, ora corrigindo, orientando e sobretudo aconselhando. Foram dias de luz e paz interior! Os chefes uma semana antes do dia de Pai Américo haviam pedido uma reunião extraordinária. O motivo era já conhecido por todos, em Julho qualquer que seja o encontro sempre se fala da Festa da Obra. Julho é Pai Américo! Julho é Obra da Rua! Foram dadas indicações precisas e repartidas as responsabilidades entre todos para uma maior organização da festa. Estando tudo pronto à hora 18 do dia 16 veio o Senhor Bispo da Diocese, Dom António Francisco Jaca a nosso convite, acompanhado pelo seu secretario padre António Toneca para o momento mais sublime da nossa festa. A celebração da Eucaristia. Em comunhão com toda a Igreja era dia da memoria de Nossa Senhora do Carmo. A Mãe que deu à Luz o Redentor da humanidade. Grande dia, grande momento, grande festa. Devido a questão da pandemia da covid-19, passamos a realizar as missas dominicais no nosso salão de festas por ser maior e se poder nele observar o distanciamento de 2 metros entre uma pessoa e a outra. Todos usamos as máscaras. Todos cá em casa cumprimos com as medidas de prevenção. As máscaras foram costuradas na nossa alfaiataria pelos nossos rapazes. O «Toni» fez os desenhos e o «Suculeta» cortou o tecido e fez as costuras. O que um não sabe fazer, deixa o outro fazer e assim de dois mestres nossos nasce uma obra de arte originalmente Made in Gaiato. Os cânticos da missa foram bem executados, tendo o «Bongue» no comando das operações. Ele é o nosso maestro nas cerimónias. O «Dodo» é o acólito reconhecido. Para além de conhecer as alfaias, agora também deve levar consigo até a credência, o frasco de álcool, gel e a máscara.

O «Jesus quer ir para o seminário, quer ser padre da nossa Obra. E em muitos domingos é ele que faz uma das leituras da Missa. Eu também tinha 14 anos quando quis ir para o seminário. E padre Telmo deixou-me ir. Então fui. Nunca deixou de me animar! Foram 10 anos seguidos de preparação. Voltei para a minha Casa. Recebi o diaconado e fiquei em Casa. Deus concedeu-me também a graça do presbiterado. Uma semana depois fui visitar os Padres da Rua em cada uma das Casa do Gaiato. Comecei por visitar Benguela, Maputo, Portugal e voltei para Benguela e hoje estou contigo e com todos os rapazes para vos ajudar. Para apresentar-te ao senhor Bispo e aos superiores do Seminário. Vai Jesus não tenhas medo. Agora é a tua vez. Prepara-te para dar de graça o que de graça recebeste. A conclusão é de Pai Américo: «Trata em tudo e por tudo com o Pai Celeste! Leva na alma a paixão do Evangelho e indica ao mundo a beleza de Cristo, não o cristozinho das horas de piedade — mas Cristo Crucificado». Maravilhoso! ❑

SINAIS

Padre Telmo

ESCREVI no último O GAIATO sobre a urgência da vinda de um sacerdote para a nossa Obra.

Em resposta ao primeiro apelo feito há dois anos, consola-nos a vinda do P.e Fernando Fontoura, da Diocese de Bragança, que abraçou o Calvário.

Voltamos de novo a bater à porta do teu coração. Digo-te de como eu vim para a nossa Obra — foi: Já na Teologia, o meu amigo condiscípulo Virgílio Madureira tinha todas as quinzenas a visita de sua irmã que lhe trazia o jornal O GAIATO. Ele lia, sublinhava as passagens que mais lhe agradavam e metia o jornalzinho por debaixo da porta do meu quarto. Linhas com pensamentos de Pai Américo traziam já os riscos do Virgílio. Eu lia com ganas e os pensamentos do P.e Américo ficavam a ferver como cantarolas.

O nosso crime não foi descoberto e nós continuamos na doce transgressão.

Cada Jornal era, e é, um monumento, mas, naquela época, também um sino que acordou para o amor e o bem.

E, apesar da minha fraqueza na saúde e pequenez nos estudos — o Senhor aceitou-me para seu sacerdote. Já no fim da Barragem de Cambambe — Angola — o sino começou a badalar com força: — Dois sacerdotes da Obra, P.e Carlos e P.e Horácio, de passagem por Angola, visitaram a Barragem de Cambambe. Na despedida, eu falei para eles: — *Se um dia vos bater à porta que fazeis?*

— *Pois, abrimos*.

Como ainda não havia carreira de aviões, vim de barco pelo mar… Bati e entrei.

Não sei se o som do sino chegará ao teu coração… Talvez — contigo — o gemido dos pobres e das crianças… Vem. ❑

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

VOLTOU de novo aquela pobre mulher que vivia num quarto com a filha, sozinha, encapuçada com a sua máscara e de olhos no chão à espera da minha demorada passagem e da minha intervenção: — *O que a traz por cá hoje?*

É um dever imposto pela caridade cristã — eu vinha de celebrar a Missa — ajudar a vencer as barreiras que os pobres, na sua tacanhez não se atrevem a superar.

Agora não é o quarto, mas, sim, a casa. Se a conseguir, a senhora doutora devolve-lhe a filha. — A *senhoria vai deixar a casa, pois está velhota, e arrenda-ma por trezentos euros/mês, mas exige uma caução do mesmo valor. Venho pedir a sua ajuda, para ver se adquiro a companhia da minha filha, que me levaram para Alcácer. Veja, senhor padre, a minha dor e ajude-me!…*

Não lhe dei os 600 euros que ela me pedia, mas fiquei por metade afirmando que não podia mais. Arranjamos-lhe um avio e eu próprio reparti com ela uma boleia que a levou perto da sua casa. Após deixar a desgraçada os meus sentimentos começaram a remoer e a perguntar a mim próprio: então o Estado tem poder para tirar à sua mãe uma filha de 16 anos e não tem poder para lhe pagar a renda e a caução de uma casinha pobre? Será que o Estado é justo?

No artigo 65º da *Constituição da República Portuguesa* diz-se:

1º Que todos têm direito para si e sua família a uma habitação de dimensão adequada em condições de higiene e conforto que preserve a intimidade e privacidade familiar.

2º Para assegurar o direito à habitação, incumbe ao Estado:

a — programar e executar uma política de habitação inserida em planos de ordenamento geral do território e apoiada em planos de urbanização que garantam uma rede adequada de transportes e de equipamento social.

b — promover em colaboração com as regiões autónomas e com as autarquias locais a construção de habitações económicas e sociais.

c — estimular a construção privada com subordinação ao interesse geral e o acesso a habitação própria ou arrendada.

d — incentivar e apoiar as iniciativas das comunidades locais e das populações, tendentes a resolver os respectivos problemas habitacionais e a fomentar cooperativas de habitação e autoconstrução.

3º O Estado adoptará uma política tendente a estabelecer um sistema de renda compatível com o rendimento familiar e de acesso à habitação própria.

Então o Estado não cumpre este dever primário e essencial para com os pobres e deixa a iniciativa privada viver de uma concorrência nunca vista, com rendas de casa que ultrapassam muito a capacidade financeira das famílias e atira-se aos pobres indefesos retirando-lhes os filhos atropelando as regras do direito natural à maneira dos ditadores?

O Estado deve ser coerente e justo. Se não assegura o direito à habitação, perde a base de todas as suas exigências.

Há dias o Chefe do Estado reconhecendo a evidente situação de muitas famílias sem casa nem capacidade para alugar, vendo-se obrigadas a juntarem-se em minúsculas habitações, atribuiu o desenvolvimento do *Covid-19* a esta evidente situação na zona da grande Lisboa. Ainda bem que o fez, pois só vem dar razão aos meus apelos.

Todos os governantes juram cumprir e fazer cumprir a Constituição, depois… sentam-se no poder cada um governa ao seu modo ou seu jeito e a Constituição acaba por ser uma fantochada perante a qual se curvam os hipócritas. Há dinheiro para tudo, até para ser impunemente roubado e não há verba para fazer respeitar os juramentos tão importantes para o povo português. ❑

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 3

a viúva — D. Emília de Castro Pamplona Resende — e os filhos foram residir para a casa da Granja, que depois foi comprada por um dos filhos — José Maria Eça de Queiroz. Dois dos filhos de Eça — António e Alberto — não tiveram descendência. Mas, os outros dois — Maria e José Maria — tiveram filhos: Maria [1887-1970] veio viver para a Quinta de Vila Nova em 1916 e teve dois filhos, uma menina [†] e um menino — o referido Manuel Pedro, que veio a casar com D. Maria da Graça [1919; 6-IX-2015]. Essa Quinta, em Santa Cruz do Douro [Baião], calhou em partilhas, em 1892, à esposa de Eça de Queiroz, D. Emília; e, após a sua morte, passou para a filha Maria.

***

O estilo de vida franciscano influenciou muito também a literatura medieval, *v.g.*: *a Crónica da Ordem dos Frades Menores* (1209-1285) [manuscrito do século XV, publicado em 1918, por José Joaquim Nunes — † 20-VII-1932], na qual se encontra um episódio célebre — *a lenda do pé do porco,* que inspirou um conhecido conto de Eça de Queiroz — *Frei Genebro*. Neste tema, é de referir o filme *Francesco — giullare di Dio* [Roberto Rosselini, 1950], em que foram encenados alguns episódios das *Florinhas de S. Francisco* e da *vida de Frei Junípero*.

O conto *Frei Genebro* foi publicado, pela primeira vez, em *Gazeta de Notícias,* do Rio de Janeiro — Brasil, em 28 e 29 de Março de 1894. Jaime Cortesão era de opinião que Eça *foi buscar o tipo e o episódio central do conto a uma das fontes contemporâneas dos companheiros mais íntimos do Santo* [Francisco] — *I Fioretti — certamente aquela onde melhor se guarda em sua fragância viva e primitiva, com inexcedível encantamento, a história de S. Francisco de Assis e de seus discípulos* [*Eça de Queiroz e a questão social,* Lx., 1949, p.114]. E a leitura de Eça de Queiroz teria sido feita da tradução francesa de *I Fioretti,* da qual terá retirado o nome *Genebro* — tradução próxima de *Genièvre* [em francês]. Porém, acontece que a *Vita di Fratre Ginepro* foi depois incorporada como apêndice em *I Fioretti*.

O narrador queirosiano descreveu *Frei Genebro* como um discípulo amigo de Francisco de Assis, reconhecido como modelo de Cristianismo autêntico, por ter vivido de forma exemplar os ensinamentos de Jesus.

Começa assim este conto interessante: *Nesse tempo ainda vivia, na sua solidão das montanhas da Úmbria, o divino Francisco de Assis — e já por toda a Itália se louvava a santidade de Frei Genebro, seu amigo e discípulo./ Frei Genebro, na verdade, completara a perfeição em todas as virtudes evangélicas* [Eça de Queirós — 'As histórias — Frei Genebro', in *Contos,* Lx.: IN-CM, 2009, p. 273]. Eis a descrição de uma cena observada por Frei Genebro, que encontrou o irmão Egídio abandonado e agonizante, encolhido em farrapos e definhado na sua cabana, manifestando-lhe um último desejo: *Gemendo, arrepanhando para o peito as folhas secas em que jazia, como se fossem dobras dum lençol, o pobre ermitão murmurou:/ — Meu bom frei Genebro, não sei se é pecado, mas toda esta noite, em verdade vos confesso, me apeteceu comer um pedaço de carne, um pedaço de porco assado!... Mas será pecado?* [p. 276].

O conto prossegue, expondo as façanhas de Frei Genebro, até ao momento da sua morte, em que um grande anjo tomou nos braços a alma de Genebro, levando-a para além das nuvens até ao julgamento final, em que surge uma *balança* para pesar as boas obras e as más acções: *Oh! Contentamento e glória! Carregado com as suas Boas Obras, ele descia, calmo e majestoso, espargindo claridade. Tão pesado vinha que as suas cordas se retesavam, rangiam.* […] *Subitamente, porém, no alto, o prato negro oscilou como a um peso inesperado que sobre ele caísse! E começou a descer, duro, temeroso, fazendo uma sombra dolente através da celestial claridade.* […] *O que teria causado esse súbito desequilíbrio na balança? Justamente isto: descobriram, no fundo daquele prato, que inutilizava um Santo, um pobre porquinho com uma perna barbaramente cortada, arquejando, a morrer, numa poça de sangue…* […] *Então o Anjo, baixando a face compadecida, alargou os braços e deixou cair, na escuridão do Purgatório, a alma de Frei Genebro* [p. 281-282].

A revisão literária feita por Eça com o seu *monóculo* crítico, em *Frei Genebro,* da vida de Frei Junípero, reflectirá alguns anseios da *Geração de 70,* tendo em vista uma crítica à realidade social oitocentista, dirigida aos cristãos que não vivem segundo os verdadeiros ensinamentos de Jesus, mas de aparências e de práticas contraditórias e vazias de significado. ❑